

resenhas

texto, som, imagem, hipermídia





Da Imperfeição: um marco nos estudos semióticos

LUCIA TEIXEIRA

Da imperfeição de Algirdas Julien Greimas (tradução de Ana Claudia de Oliveira). São Paulo: Hacker, 2002.

Resenha A resenha apresenta a tradução brasileira que Ana Cláudia de Oliveira realizou do livro *Da Imperfeição* de A.J. Greimas. Além de conter uma síntese dos conteúdos dos capítulos, propõe refletir sobre o impacto da obra nos estudos semióticos. Analisa o projeto teórico do autor, identificando suas principais questões e propostas, e avalia a repercussão da introdução do campo do sensível nas investigações da semiótica, sempre voltadas para o sentido dos textos e do percurso do homem no mundo.

Palavras-chave semiótica, sentido, texto.

Abstract This review presents us the Brazilian translation that Ana Cláudia de Oliveira did from the book "De l'imperfection" (Da imperfeição) by A. J. Greimas. Besides a synthesis of the ideas of the chapters, it also aims to discuss the impact of the work in the semiotic studies. It analyzes as well the author's theoretical project, identifying its main questions and purposes. The review, in addition examines the reactions to the introduction in the field of the sensitive in the semiotic investigations, always turned to the meaning of the texts and to the human being's journey in this world.

Key words Semiotics, sense, text.

Quem passou pelas salas de aula das universidades brasileiras na década de 70, por qualquer faculdade da área de Humanas, certamente fez alguma análise estrutural da narrativa e conheceu Greimas. Tendo-o conhecido, ou abraçou suas idéias, com a certeza de ter encontrado a fórmula precisa para ler um texto, ou as rejeitou enfaticamente, assustado com o peso da nomenclatura e a ortodoxia da proposta. Em qualquer dos dois casos, ficaria inteiramente tomado de desconfiança e surpresa ao abrir ao acaso qualquer página de *Da imperfeição*, livro publicado na França em 1987, e que Ana Claudia de Oliveira acaba de traduzir para o português.

O livro é surpreendente mesmo para os que, não tendo abandonado Greimas ou tendo-o descoberto já na década de 90, 20 anos depois do auge da moda estruturalista, dele conheciam apenas os textos mais duros e dotados de um certo caráter doutrinário. Em *Da imperfeição*, continuam a marcar presença o rigor, a nomenclatura, a complexidade do pensamento. Mas tudo isso vem diluído num Greimas amante da literatura, que se deixa tomar pela beleza dos textos e pela grandiosidade do fenômeno literário, de modo a absorver a fratura e o deslumbramento produzidos pela experiência estética e com isso fundar um sentido ético para a ciência e para a vida.

Desenvolve-se no livro a reflexão acerca dos mecanismos de produção do sentido, mas não do sentido de um texto, nem mesmo dos textos estudados. O que quer o teórico é relacionar teoria e vida, literatura, acontecimento estético e aventura humana. Dividido em duas partes, "Fraturas" e "Escapatórias", o livro, em si, representa tanto uma fratura na continuidade dos estudos semióticos, pela sua qualidade de instituir novos parâmetros de reflexão e novos lugares teóricos de onde divisar modos de se apropriar da investigação sobre a produção do sentido, quanto uma escapatória em relação aos estudos ortodoxos que se satisfazem em reproduzir um modelo de análise ou até se arriscam em ampliar seus parâmetros estritamente intradiscursivos, mas sem discutir a possibilidade de deles duvidar ou a eles conceder limites mais largos.

Na primeira parte do livro, a das fraturas, o autor comenta, em 5 capítulos, cinco diferentes obras literárias, buscando nelas as descontinuidades que irrompem no contínuo da existência para fraturá-la e produzir sentido: *Sexta-feira* ou *A vida selvagem*, de Michel Tournier (recentemente publicado pela Bertrand Brasil, em nova edição), os contos *Le guizzo*, de Calvino, e *A continuidade dos parques*, de Cortázar, um poema de Rilke, o *Elogio da sombra*, de Junichiro Tanizaki. Em cada um dos fragmentos analisados, Greimas vai apontar a ruptura da dimensão cotidiana como a quebra que instaura o acontecimento estético. Isso se dá pela observação de um corpo sensível, de um corpo que é tocado por visões, odores, sensações táteis e au-

ditivas. A luz que fere ou cerra os olhos, o odor do jasmim que traz de volta os excessos do mundo, a sonoridade da água interrompida pelo silêncio surpreendente, tais são algumas das manifestações do mundo sensível que atravessam a experiência humana, para preenchê-la do sentido estético que a redimensiona.

A entrada do sujeito nessa experiência só é possível pelo arrebatamento da paixão que os confunde, provocando a fusão entre sujeito e objeto. Entendida como efeito da linguagem em discurso, a paixão não é apenas o êxtase dos sentidos, tremor incontrolável do corpo, enlevo da alma, mas a perturbação da narrativa, a fratura do sentido, o rumor que atravessa a coerência e a linearidade, desfazendo-as.

Greimas vai chamar a isso deslumbramento: uma espécie de relâmpago passageiro que perturba a visão, permitindo ver de outro modo o que sempre lá esteve, no mesmo lugar que agora é outro. O retorno à ordem não se dará facilmente, não se retorna intocado. A luz esteve lá, ofuscou a visão por um momento e ficou retida num certo modo de olhar o mundo que não mais se descola do sujeito. Essa é a ambição ética da literatura, das artes: fazer ver o mundo de outro modo, preencher a espera tensa do sujeito com o susto do deslumbramento e fazê-lo retornar da experiência inquieto, tocado pela possibilidade de tudo ressignificar.

Na análise do conto de Cortázar, Greimas mostra, em primeiro lugar, não se tratar apenas de uma história, mas da revelação do modo de ser literário, pondo em foco um sujeito errante. Ao penetrar na história, vivenciando-a, interferindo em seu desenlace, o sujeito permite que a narrativa se faça sob a promessa de desfazer-se, sob o aviso de que é simulacro. O inusitado, o inesperado, o surpreendente, eis as matérias da literatura. A gota d'água que pára de cair em *Sexta-feira*, o seio que perturba a visão em *O guizzo*: a parada, a interrupção do ritmo, o silêncio que significa, a luz que ofusca.

Essas figuras que falam do tema da ruptura, em si, já apontam para caminhos desbravados pela semiótica pós-Imperfeição. A parada do tempo, o retorno ao ritmo, a alternância entre ruído e silêncio são questões hoje tratadas pela semiótica tensiva, preocupada com o efeito de sobressaltos de intensidade sobre a linha contínua da extensidade. A partir dos elementos que, para Greimas, representavam a ruptura, a semiótica avançou em busca da gradação e da intensidade, mostrando novas formas de produção do sentido. Já não se pode pensar que o sentido se produza apenas pela incisão de discontinuidades no caos da continuidade do mundo, ou no fluxo permanente do discurso. O sentido se produz também pela intensificação de procedimentos, pela mudança de ritmo, pela vibração produzida na linearidade da linguagem.

Os sobressaltos de intensidade ou as fraturas na continuidade são modos de

relacionar-se com o mundo, de dar-lhe forma, gestos de posse, afirmação do poder de superação da indistinção. O sujeito é atraído pela figuratividade que o engloba e esse é mais um modo de produção de sentidos. A partir da semiótica plástica, que Greimas mobiliza, ao trazer à cena a luz que aparentemente tudo revela, mas também a obscuridade que contém em si a possibilidade das cores, novos campos de teorização se abrem, apontando para a concretude do mundo e as articulações do sensível e do inteligível. Pode-se então pensar na materialidade da linguagem, no plano da expressão integrando-se ao plano do conteúdo, em busca da ultrapassagem de um modelo binário.

É também com *Da imperfeição* que o campo do sensível retorna fortemente às preocupações dos semioticistas, não só como busca metateórica de fontes fenomenológicas, mas também como apelo à entrada do corpo sensível no universo da produção do sentido. É só estendendo a análise ao conjunto dos canais sensoriais pelos quais o sujeito vivencia o acontecimento estético que a literatura e a arte passam a ser compreendidas e podem tornar-se modos de existir no mundo. Estamos agora no terreno das escapatórias, do que constitui a segunda parte do livro, espécie de testamento teórico de um legado que os semioticistas hoje procuram alargar.

Não se trata de pensar em escapatória como fuga, mas como escape e retorno, como um ir-e-vir, um modo novo de relacionar-se com o outro e o mundo. Há aí uma proposta de transformação fundamental da relação sujeito/objeto, o que representa, talvez, a mais extraordinária demonstração de adesão a uma teoria. Como se perguntasse, afinal, de que serviu o percurso de investigação em torno das questões da significação, seria preciso que o pesquisador encontrasse uma resposta que fosse além da produção intelectual de explicações. Seria preciso, como no conto de Cortázar, penetrar no escrito e vivê-lo como figura de papel, misturando a vida e a representação da vida, para compreender que tudo é linguagem, tudo é construção humana. E então se poderia encontrar sentido na singeleza dos pequenos acontecimentos, examinar a possibilidade de a “experiência estética ser produzida, também, por arranjos e re-arranjos das coisas simples do mundo que fazem parte de nosso viver cotidiano”, como afirma Ana Claudia de Oliveira em seu prefácio.

São, aliás, os prefácios — da edição brasileira e mais os de Raúl Dorra para a edição espanhola, de Paolo Fabbri para a italiana e ainda o texto de Eric Landowski de apresentação de um encontro em que se discutiu o livro — outro mérito da publicação. São esses textos não apenas um enriquecimento da edição brasileira, mas também uma indicação de caminhos tomados pelos semioticistas, que vão interessar a todos os que se dedicam a estudar a linguagem e a significação. Na interpre-

tação que fazem da obra, estão traçados percursos investigativos que afirmam a força da disciplina e comprovam o talento de um pensamento vigoroso e instigante, promessa de muitos sentidos ainda por vir, sempre imperfeitos, porque é assim que se faz semiótica, aceitando o desafio da grandiosidade do próprio projeto, para expandir-se num movimento de reconcepção permanente, que reconhece suas lacunas e sua necessária incompletude.

Aprendemos com Greimas que todo parecer é imperfeito. E o que é a imperfeição senão a promessa do querer ser, do dever ser? *Da imperfeição*, em boa hora traduzido no Brasil com a competência de uma semioticista que tem feito muito pelo avanço da teoria, exacerba a inquietação em torno dos mistérios da linguagem, que se entreabrem para mostrar a intangibilidade da vida. Ou da morte, pouco importa, como desafiava Greimas.

LUCIA TEIXEIRA é professora da Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ), pesquisadora do CNPq e do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (PUCSP-USP-CNRS). Publicou, entre outros, *As cores do discurso. Análise do discurso da crítica de arte* (Editora da UFF, Niterói-RJ, 1996).

luciat@bn.microlink.com.br

Artigo recebido e aprovado em junho de 2002.